



## O QUE (NÃO) APRENDEMOS SOBRE A DOCÊNCIA EM FILMES DE ESCOLA

Ana Paula Domingos Baladeli<sup>1</sup>

### Resumo

O estudo a respeito dos discursos, seus sentidos e suas manifestações nas diferentes mídias, tem sido cada vez mais contemplado nas pesquisas em Linguística Aplicada. Os imaginários de docência veiculados pelo cinema incidem diretamente na forma como a profissão professor é caracterizada (DALTON, 2010), por essa razão, a análise de filmes sobre escola com professores protagonistas pode favorecer nas reflexões sobre a dimensão política e ideológica assumida pelo discurso cinematográfico. As narrativas fílmicas retratam crenças, significados e representações sobre personagens e situações, dado que demanda reflexões sobre a natureza do trabalho docente. Por entender a natureza social e ideológica de todo o discurso, Fairclough (2001), acredita que na condição de prática social, o discurso evidencia, divulga e naturaliza relações de poder e ideologias. O objetivo deste estudo é discutir os sentidos da docência retratados no cinema com base na Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001). Para tanto, foram selecionadas três narrativas fílmicas, *The Emperor's Club* (2002); *School of Rock* (2003) e *The Kindergarten Teacher* (2018); que apresentam protagonistas anti-heróis e opostos ao clichê de professor idealizado e missionário. Os resultados indicaram que, mesmo bem intencionados, os protagonistas são caracterizados como arrogantes, egoístas que subvertem a ética profissional, dado que se contrapõe a imaginários idealizados de professores comumente veiculados no cinema. Concluímos que, em sendo o imaginário de professor missionário, ética e moralmente exemplar desconstruído, amplia-se as oportunidades em se problematizar no campo da formação de professores, a análise crítica sobre a natureza do trabalho docente no discurso cinematográfico.

Palavras-chave: Imagens da docência. Discurso cinematográfico. Filmes sobre escola.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras. Professora na Universidade Federal de Jataí – GO. Líder do Grupo de Pesquisa LAMCE Laboratório dos Multiletramentos, Cibercultura e Educação. E-mail: [annapdomingos@yahoo.com.br](mailto:annapdomingos@yahoo.com.br)



## Introdução

O cinema, como produção sociocultural e forma de entretenimento nos acompanha ao longo da história. Na condição de professores, observamos projetados na grande tela protagonistas, que de forma mais ou menos ficcionalizada, representam a profissão professor de alguma media nos representam. Contudo, o cinema, além de técnica, indústria, arte, entretenimento, é também discurso, dado que exige análises críticas a respeito dos valores culturais e representações que esse instrumento da cultura prolifera.

Dito isso, compreendemos a repercussão do cinema como forma de lazer, mas também como discurso que veicula imaginário sobre sujeitos ou grupo sociais (DALTON e LINDER, 2008). Os discursos audiovisuais encantam, emocionam, interrogam e revelam significados socioculturalmente construídos, que tomam como referência, de forma mais ou menos ficcionalizada, valores, crenças e ideologias (DALTON, 2010; PADIAL, 2010).

O objetivo deste estudo é discutir os sentidos da docência retratados no cinema com base na Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001). Para tanto, foram selecionadas três narrativas fílmicas que apresentam protagonistas professores que destoam do modelo hollywoodiano de bom professor. Em *The Emperor's Club – O Clube do Imperador* (2002); *School of Rock – Escola de Rock* (2003) e *The Kindergarten Teacher – A professora do Jardim de Infância* (2018), são retratados professores egocêntricos, narcisistas, antiéticos e dispostos a subverterem a ética da profissional em benefício próprio.

## Imagens cinematográficas sobre a docência

Nos filmes sobre professores, aqueles em o espaço principal do roteiro é a escola e o protagonista é um professor, nos fornecem subsídios para discutirmos questões de didática, práticas pedagógicas e as relações que estabelecem entre professores e alunos. Em pesquisas sobre filmes de escola, Dalton (2010); Trier



(2001); Stam (2003); Ficher e Baladeli (2017) identificaram a presença de personagens estereotipadas que revelam imaginários de professores heróis no cinema. Os filmes do gênero drama, por exemplo, exploram de forma contumaz as ações extremadas de professores comprometidos emocionalmente com a salvação que acreditam que seus alunos precisam. A forma como os roteiros de *Hollywood* estereotipa o bom professor é discutida por Dalton, (2010), que em análise de mais de 60 filmes de escola, identificou nos roteiros a presença massiva de professores *outsiders*, bem-intencionados, porém com agenda própria para sua atuação como docente.

Nessa mesma perspectiva, Bulman (2002) analisou 57 filmes sobre o tema e identificou as seguintes características; as escolas são retratadas como espaços caóticos envoltos em intolerância e violência; os professores, geralmente brancos, apresentam-se como visionários dotados de uma visão de mundo progressista, se comparado aos pais e aos gestores, e suas atitudes representam a ruptura com um sistema falido de educação. Seja pela abordagem dramática, seja pelo viés cômico, o foco das narrativas sempre esbarra no individualismo e na ineficiência do sistema educacional. Cenário perfeito para a atuação de um professor *outsider* – forasteiro que tem como objetivo concretizar sua nobre missão, a qual acredita ser exclusivamente sua responsabilidade. Sendo assim, até que chegue à escola um(a) professor(a) indignado, contestador, arrogante e disposto a subverter as regras, a situação de seus alunos ou com a forma como o ensino é conduzido não se altera.

A respeito da influência e propagação da indústria cinematográfica estadunidense, Dalton (2010) e Padial (2010) argumentam que as produções hollywoodianas desempenham papel relevante como indústria cultural, propagando visões de mundo, representações e imagens que narram, recortam, editam, ficcionalizam fenômenos sociais, esses que muitas vezes reforçam estereótipos de professores.

O cinema interpela os professores e os convoca a pensarem sobre si mesmos, sobre seu trabalho, seus fazeres, seus saberes. Interroga



os seus viveres. Nas sequências fílmicas a docência e docentes vão sendo desvelados, deslindados, descortinados. Suas vidas, seu labor, suas incertezas e dúvidas, suas angústias vão sendo expostas e interpeladas, procurando apreendê-la e compreendê-las (TEIXEIRA, 2010, p. 261).

Na condição de arte e de técnica, o cinema permite “[...] criar o equilíbrio entre o homem e o aparelho, tarefa realizada não apenas pelo modo como o homem se representa diante do aparelho, mas também pelo como ele representa o mundo graças ao aparelho” (PADIAL, 2010, p. 41). O cinema como discurso revela relações poder subjacentes na relação professor e aluno, revela ainda que, como produção da indústria, está balizada em ideologias e visões particulares de mundo.

No caso das narrativas em questão nesse estudo, observamos o retrato de três protagonistas que subvertem o arquétipo de professor missionário, nos convidando a refletir também sobre o que (não) aprendemos sobre a docência em filmes com imagens negativas de docência.

### **Quais imagens da docência revelam os filmes sobre escola?**

*School of Rock* começa com a apresentação do protagonista de Dewey Finn (Jack Black), vocalista de uma banda de Rock inexpressiva da qual é dispensado no início da narrativa. Endividado, sem banda e pressionado por Ned (Mike White) e Patty (Sarah Silverman), a conseguir um emprego e quitar suas dívidas, Dewey demonstra despreocupação com sua própria condição, representando um adulto irresponsável.

Nessa comédia musical, o falso professor subverte o imaginário de salvador, comum aos enredos hollywoodianos e assume as características de anti-herói, ao se passar pelo colega Ned (professor de educação fundamental substituto) no tradicional *Horace Green Preparation School*. Motivado exclusivamente pelo salário de professor substituto, Dewey engana a direção do colégio e assume por algumas semanas uma turma de 6º ano. A farsa se arrasta com a conivência dos alunos, que



percebem a falta de didática, ética e compromisso do professor, que os deixa à deriva, sem atividades ou conteúdos (BALADELI, 2019). A relação de Dewey com a turma muda quando descobre os talentos musicais de seus alunos, ao que imediatamente, aproveita para tornar seus alunos membros de sua nova banda. O objetivo passa a ser agora, a inscrição dessa nova banda em um disputado concurso de bandas de Rock, cujo prêmio é R\$ 20,000.

Ao usurpar a identidade de seu colega, Dewey desestabiliza a rotina dos alunos *Horace Green Preparation School*, transformando-os em membros de sua banda, substituindo o currículo oficial por conteúdos relacionados ao estudo do Rock. O falso professor substitui o currículo oficial da escola por estudos relacionados à história do Rock, apreciação do Rock, matérias que a turma estuda por meio dos vídeos e músicas que o professor sugere como tarefa de casa.

Para Baladeli (2019), acidentalmente, Dewey encontra um propósito para além da obtenção financeira na escola, desenvolvendo um projeto no qual todos os alunos se engajam em alguma atividade. Com seu carisma, entusiasmo e atenção individualizada, o professor equilibra liderança e paciência na condução das atividades, razão pela qual os alunos parecem orgulhosos das tarefas que realizam para o projeto secreto. Dewey não tem a pretensão de agir como professor de verdade, mas ao substituir o currículo oficial da escola por estudos relacionados à história do Rock, acidentalmente, Dewey organiza um currículo próprio no qual relaciona temas, cantores, referências musicais por meio de um cronograma para estudo e ensaio dos alunos.

Em *The Emperor's Club* (2002) temos como cenário o *campus* da escola tradicional para meninos *St. Benedict's Academy for boys*. Responsável pela disciplina de Civilização Ocidental: Grécia e Roma, o professor Mr. Hundert (Kevin Kline) ensina fatos históricos e biografias de imperadores.

A narrativa aborda os limites éticos vivenciados pelo professor Hundert, que na tentativa de ajudar um aluno que considera indisciplinado e descompromissado, altera a nota deste classificando-o para as eliminatórias do mais importante



concurso realizado pelo colégio – o Concurso Júlio César. Austero, tradicional e convicto das lições de ética que ensina, o professor acaba agindo de forma contraditória com o discurso que defende. Isso ocorre mediante o ingresso do aluno Sedgewick Bell, filho de um senador conservador que, na percepção do professor, é oprimido pelo próprio pai e que merece uma oportunidade para mudança de comportamento.

Bell representa o desvio da turma, pois os demais alunos, são comprometidos, disciplinados e estudiosos, o que notadamente satisfazia o ego do tradicional Mr. Hundert. Contudo, com a chegada de um aluno que subverte a harmonia estabelecida na turma, o professor acredita que algo precisa ser feito.

Mr. Hundert é retratado como um professor tradicional, formal, baluarte da ética, moral e conservadorismo didático. Tem como atribuição também a preparação de seus alunos para participarem do concurso, *quiz* de perguntas e respostas sobre a civilização Greco-romana. As eliminatórias do concurso se aproximam e, no afã de incentivar a transformação do indisciplinado Bell, o professor aumenta a nota que o aluno tirou na redação. O ato deliberado do professor, motivado pela crença de que estaria contribuindo para a autoestima de Bell, prejudica um de seus melhores alunos que injustamente é retirado das semifinais do concurso. Mr. Hundert acredita no poder de sua intervenção e, por conseguinte, na redenção de Bell, razão que o faz relativizar os danos causados para o outro aluno.

Para Mcdermott, (2008), o aluno Bell passa a ser o projeto pessoal do professor, que acredita ser o único capaz de moldar o caráter do aluno e transformá-lo, no que considera um bom aluno. O professor acredita representar a moral e a ética, sendo os temas que ensina em sua disciplina os instrumentos para a consolidação desse propósito.

A ética profissional de Mr. Hundert é recontextualizada na narrativa a partir do momento em que prioriza o projeto pessoal - o de salvar o problemático aluno Bell em detrimento da meritocracia. Entre o certo e o errado, o professor age motivado pela crença no poder de sua intervenção e, na lógica dos fins justificam os



meios, o ato de aumentar deliberadamente a nota de um aluno se torna um mal necessário para a concretização do projeto pessoal do professor.

A fraude da nota confronta-se com o discurso assumido pelo próprio professor ao longo da narrativa, o de que as ações de um grande homem devem ser motivadas pela ética, moral e lisura de caráter, requisitos que chancelariam seu legado para a humanidade, tal qual os grandes imperadores (MCDERMOTT, 2008). O aluno Bell sabe que fora favorecido pelo professor e se aproveita da situação para fraudar o concurso por meio da cola, que utiliza para responder as perguntas.

A alteridade, o reconhecimento, a consideração e o respeito ao outro e ao diverso, também fazem parte de grandes obras cinematográficas, da mesma forma que constitui-se como matriz do pensamento de grandes pedagogos, das pedagogias humanistas e emancipatórias. O bom cinema nos coloca diante do diferente, do diverso, como também das desigualdades, das injustiças, porque olha com outros olhos, observa o que não vimos, abrindo-se ao indeterminado, ao relativismo, à multiplicidade (TEIXEIRA, 2010, p. 264).

As ações antiéticas de um professor protagonista no cinema, nos interrogam no sentido dos limites entre a ética profissional e a crença na intervenção do professor. Bell, o aluno arrogante, indisciplinado e descompromissado, seria o produto de uma educação austera e opressiva do pai, ao que o professor, se autoproclama o único com o poder para a transformação do aluno.

Em *The Kindergarten Teacher* (2018), A professora do Jardim de infância, Lisa Spinelli (Maggie Gyllenhaal), é admiradora das artes e entusiasta da literatura. Casada, mãe de dois filhos adolescentes, explora seu perfil artístico e literário em um curso de escrita criativa que frequenta após o trabalho. Dedicada aos alunos e à família, Lisa tem sua rotina alterada com a descoberta de que seu aluno Jimmy Roy (Parker Sevak), de cinco anos e meio de idade, cria espontaneamente poemas. Interessada em incentivar o desenvolvimento artístico de Jimmy, Lisa solicita à babá que registre os versos criados pelo garoto.



Motivada por ter encontrado em seu pequeno aluno um artista em potencial, Lisa compartilha seus versos com o esposo, com quem discute o valor artístico dos poemas e argumenta a necessidade de o aluno ter acompanhamento para desenvolvimento do talento criativo. Enquanto isso, na turma do curso de escrita criativa, Lisa lê os versos de Jimmy como se fossem de sua autoria. O professor do curso observa a mudança qualitativa nos versos apresentados por ela que no início não se destacavam, mas que agora recebem elogios na turma. A partir do momento em que começa a apresentar os versos produzidos por Jimmy, Lisa começa a se destacar em sala de aula, recebendo elogios pelo lirismo e complexidade dos poemas.

A situação não constrange a professora, pelo contrário, Lisa acredita que sua proximidade com Jimmy irá favorecer no seu desenvolvimento artístico e criativo, e nessa lógica, ambos seriam beneficiados. A introspectiva professora parece se sentir confortável e até orgulhosa na posição de tutora do talento artístico de Jimmy. O objetivo passa a ser o de registrar o maior número possível de versos criados por seu aluno, para isso, delega à ajudante de sala Meghan a condução das aulas, para que assim, possa dedicar-se exclusivamente ao aluno prodígio.

O início da narrativa nos apresenta Lisa como uma professora de semblante triste e melancólico, introspectiva, porém apreciadora de poemas. Entusiasta das artes, tenta sem sucesso, motivar seus filhos adolescentes a envolverem-se de alguma forma com projetos artísticos e desenvolverem-se como sujeitos que apreciam atividades criativas e estéticas. A descoberta do talento de Jimmy atua como um estopim para a redefinição da atuação docente de Lisa, que em vez de mediadora do conhecimento e do desenvolvimento de sua turma de Jardim de Infância, passa a ser a incentivadora e protetora de Jimmy.

A professora acredita ser a única a valorizar o talento do aluno, pois em sua percepção, a babá relapsa, o tio distante e o pai ausente não forneceria a proteção e incentivos necessários para que o talento de Jimmy florescesse, por isso, insiste para que assuma a tutoria do garoto em meio período.



Os três protagonistas retratados consideram ter o poder de proverem mudanças significativas na vida dos alunos, motivados exclusivamente pelo egocentrismo, arrogância e soberba. Logo, as imagens da docência que subvertem a ética profissional, nos provocam, nos constrangem e nos incitam como expectadores professores, que podemos nos questionar a partir da ficção, o impacto desta no exercício da profissão.

### **Considerações finais**

As reflexões apresentadas indicam que, embora caracterizados como produções estéticas, os filmes de escola insistem na caracterização do professor como um sujeito motivado pela missão. Indubitavelmente, os filmes comerciais propagam vertiginosamente a naturalização da necessidade de um professor benevolente e disposto a transformar ou resolver um problema do aluno.

Para Dewey, atuar como professor de uma turma do ensino fundamental, em uma escola tradicional, nada mais significa do que uma oportunidade financeira. Por julgar ser um trabalho de pouca complexidade, assume a sala de aula como uma brincadeira ou passatempo, sem realmente perceber a responsabilidade assumida.

Para Mr. Hundert, os conteúdos de sua disciplina oferecem aos alunos valores e princípios por meio dos quais tirariam lições para a vida em sociedade. Moral e ética se tornam o fio condutor da educação, razão pela qual espera que os mesmos dediquem-se aos estudos e reconheçam o valor da educação e, sobretudo dos conteúdos que ensina.

Na percepção de Lisa, a sociedade contemporânea irá prejudicar o desenvolvimento artístico de Jimmy, razão pela qual o mesmo necessita de sua intervenção como a responsável por salvaguardar o seu talento.

Na condição de discurso, o cinema nos interroga no sentido de revisitarmos e ressignificarmos nossas crenças, visões e significados que construímos sobre a profissão. Mais do que mera ficção, as narrativas fílmicas podem contribuir para elucidar sentidos subjacentes, estereótipos e imagens caricatas de professores que



nos filmes, podem (não) nos ensinar lições sobre a profissão professor, mas também contribuem para análise crítica de visões distorcidas sobre o trabalho do professor.

Os três protagonistas anti-heróis, com suas ações antiéticas, egoístas, arrogantes e subversivas, nos provocam no sentido de refletirmos criticamente sobre os significados socialmente aceitos sobre o que é um bom/mau professor. O estudo indicou que o cinema, como discurso, nos fornece subsídios para questionarmos os sentidos atribuídos à docência e refletirmos sobre as bases que consolidam nossos significados sobre a docência e as imagens representadas que aceitamos ou não sobre ela retratadas em narrativas fílmicas.

## REFERÊNCIAS

BALADELI, A. P.D. A lição improvável do falso professor no filme *School of Rock*: o avesso do herói. **Revista Uniabeu**, Nilópolis, RJ, v. 12, n. 32, 2019, p.52-65.

BULMAN, Robert C. Teacher in the hood: Hollywood's middle-class fantasy. **The Urban Review**, v. 34, n. 3, 2002, p.251-276.

DALTON, M. M.; LINDER, L. R. **Teacher TV: sixty years of teachers on television**. Peter Lang: New York, 2008.

DALTON, M. **The Hollywood curriculum teachers in the movies**. 2.nd. Peter Lang: New York, 2010.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FICHER, C. L.; BALADELI, A.P.D. O professor no cinema: reflexões sobre a imagem do professor herói no filme *O Triunfo*. **Travessias**, Cascavel, v.11, n.2, 2017, p.259-273.

MCDERMOTT, E. Mr. Chipping and Mr. Hundert: Manliness, Media, and the Classical Education. University of Massachusetts Boston. **Classical and Modern Literature**, v. 28, n. 2, 2008.

PADIAL, M. N. **O professor e sua figura no cinema: uma análise da docência e da educação escolar retratada em dois filmes hollywoodianos**. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.



SCHOOL OF ROCK. Direção: Richard Linklater. Produção: Scott Rudin, Scott Aversano e Steve Nicolaides. Intérpretes: Jack Black; Mike White; Joan Cusack; Adam Pascal e outros. Roteiro: Mike White. Paramount Pictures, 2003. (108 min.)

STAM, R. **Introdução à teoria do cinema**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

TEIXEIRA, I. A. C. O que nos retém aqui? O cinema interroga a docência. In: FRADE, I.C.A.S. [et al]. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 245-270.

THE EMPEROR'S CLUB. Michael Hoffman (direção). Neil Tolkin (roteiro). Universal Pictures, US, 2002. 109 min.

THE KINDERGARTEN TEACHER. Sara Colangelo (direção). Sara Colangelo, Nadav Lapid (roteiro). Pie Films, Maven Pictures, Paperchase Films, US, 2018, 96 min.

TRIER, J. D. The cinematic representation of the personal and professional lives of teachers. **Teacher Education Quarterly**. v. 28, n. 3, 2001, p. 127-142. Disponível em:< <https://www.jstor.org/stable/23478308>> Acesso em 03 set. 2020.